

Identificação do Objeto



Número: 84.039
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Uso Profissional e Técnico
Classificação: Arma de fogo portátil
Título: Espingarda Pica-pau
Data e Modo de Aquisição: 02.10.1984 / doação
Código do Doador: 009
Data atribuída: Início do século XX
Material e Técnica: madeira, ferro, industrial
Origem: Não identificado
Conservação: Regular
Dimensões: 77,2 Cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

A lâmpada a óleo, também designada por candeia, lamparina ou lâmpada de azeite, é constituída de um recipiente com algum tipo de óleo combustível, sobre o qual flutua um pedaço de madeira ou cortiça, geralmente, com um pavio encerado fixo. Seu uso se estende desde a pré-história até os dias de hoje. Este tipo de lâmpada a combustível visa efetuar o aquecimento de sistemas de pequenas dimensões ou realizar certas flambagens rápidas que requeiram temperatura mais baixa que a produzida pelos queimadores a gás ou bico de Bunsen, ou ainda, pouca quantidade de calor. A fabricação desse objeto corresponde à segunda metade do século XX, mais precisamente à década de 1970. É todo talhado em cobre, cuja forma assemelha-se a um funil de cabeça para baixo. Na parte superior, apresenta-se segundo a forma de um canudo, onde na parte inferior, entreposta entre o canudo e o funil, está um pires com marca de soldas da cor prata, formando finalmente um cone afunilado. Afixada ao cone encontra-se uma alça, onde duas linhas salientes e em alto relevo moldam a estrutura do funil. Apresenta, no fundo circular, um leve amasso causado acidentalmente, mas que não compromete a composição total do objeto. A utilização de objetos como esse nos remete à vida social, seja ela urbana ou rural. Provavelmente, ao considerar a data de fabricação desse utensílio, é possível notar que o mesmo corresponde a um tempo em que a energia elétrica era bastante popular nos meios e deficiente em outros. E pensando o ambiente onde o gado zebu era criado, esse objeto pode ser considerado um item de grande necessidade, uma vez que era bastante comum que os tratadores fizessem uso da lamparina para apartar ou buscar algum gado perdido entre o pasto. Para muitos memorialistas, os capatazes, vaqueiros e demais encarregados da lida nas fazendas, preferiam fazer uso desse objeto para aquecer e iluminar as várias ocasiões da vida cotidiana no campo, principalmente. Segundo eles, o modo como a chama da lamparina era alimentada representava mais comodidade e lucro, além de resguardar um costume antigo, repassado de geração para geração. Objetos como esses lembram a vida no campo, as fazendas, o jeito manso e tranquilo dos que ali viviam e vivem. Em contraste com os dias de hoje, o saudosismo é algo ainda latente na lembrança de muitos que optaram por preservar a cultura dos antepassados,

fazendo com que seja possível entre aqueles mais resistentes às novidades “virtuais, elétricas e mecânicas” promover um tipo de vida mais saudável, seja no campo ou nos lares. A utilização desse tipo de objeto, além de suprir as atividades corriqueiras do dia a dia, representa uma certa “fuga” ou alternativa ao mundo moderno e avançado da atualidade, que anda em constante processo de transformação para suprir as deficiências e necessidades de um mundo cada vez mais globalizado. A lamparina foi doada ao Museu do Zebu por Maria Dolores Cançado em 20 de março de 1984, por acreditar ser o destino certo de um objeto que tem relevância peculiar com o cotidiano dos anos iniciais da zebuicultura e a vida do homem no campo e nas fazendas.